

# A Ressurreição de Lázaro

## (11:1-57)

Assim como a multiplicação dos pães revelou que Jesus é “o pão da vida” e a cura do cego de nascença revelou que Jesus é “a luz do mundo”, a ressurreição de Lázaro mostrou que Jesus é “a ressurreição e a vida”. A ressurreição de Lázaro foi o último e o maior sinal público registrado por João. Foi o sinal culminante neste Relato do Evangelho e, de longe, o mais comovente. C. K. Barrett observou: “Este milagre, que foi o mais impressionante de João, é narrado no estilo mais simples e realista”<sup>1</sup>. O Novo Testamento menciona somente três indivíduos ressuscitados dos mortos por Jesus: a filha de Jairo (Mateus 9:18-26; Marcos 5:22-43; Lucas 8:41-56), o filho de uma viúva de Naim (Lucas 7:11-17) e Lázaro. João não registrou os dois primeiros casos, nem os Evangelhos Sinóticos incluem o incidente de Lázaro. O fato de somente João registrar a ressurreição de Lázaro, a autenticidade dessa narrativa veio a ser questionada; entretanto, a omissão desse milagre pelos escritores sinóticos não deveria causar mais surpresa do que a omissão, em João, de certos eventos registrados nos Evangelhos Sinóticos. Cada escritor selecionou um material coerente com o seu propósito.

Os sete sinais registrados em João demonstraram o domínio ou senhorio de Jesus sobre vários elementos. Merrill C. Tenney chamou a atenção para este fato:

Domínio sobre a qualidade – a transformação da água em vinho (2:1-11).

Domínio sobre a distância ou o espaço – a cura do filho do oficial do rei em Cafarnaum, escondendo Jesus em Caná (4:46-54).

<sup>1</sup>C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 387.

Domínio sobre o tempo – a cura do homem coxo por trinta e oito anos (5:1-16).

Domínio sobre a quantidade – a multiplicação dos pães e peixes aos cinco mil homens (6:1-15).

Domínio sobre a lei natural – o andar sobre as águas (6:16-21).

Domínio sobre a fatalidade – a cura do cego de nascença (9:1-12).

Domínio sobre a morte – a ressurreição de Lázaro (11:1-44).<sup>2</sup>

A ressurreição de Lázaro não foi só uma demonstração do senhorio de Jesus sobre a morte, mas ela também foi uma prova incontestável da alegação de Jesus de que ele é “a ressurreição e a vida”. Este último sinal, assim como o primeiro, foi “operado no círculo da vida familiar, e entre crentes para o fortalecimento da fé [2:11; 11:15]; e ambos são descritos como manifestações de ‘glória’ [2:11; 11:4, 40]”<sup>3</sup>. Embora o último sinal tenha gerado fé entre alguns (11:45), ele também foi o acontecimento decisivo que endureceu ainda mais o coração dos líderes religiosos e levou-os a, definitivamente, planejar matar Jesus (11:46-53).

### A MORTE DE LÁZARO (11:1-16)

**<sup>1</sup>Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. <sup>2</sup>Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os**

<sup>2</sup> Adaptado de Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, pp. 30-31.

<sup>3</sup> B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 163.

pés com os seus cabelos.<sup>3</sup> Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.<sup>4</sup> Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.<sup>5</sup> Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.<sup>6</sup> Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava.<sup>7</sup> Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judeia.<sup>8</sup> Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?<sup>9</sup> Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo;<sup>10</sup> mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.<sup>11</sup> Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo.<sup>12</sup> Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo.<sup>13</sup> Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono.<sup>14</sup> Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu;<sup>15</sup> e por vossa causa me alegra de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele.<sup>16</sup> Então, Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele.

**Versículos 1 e 2.** No final do capítulo 10, tentaram prender Jesus; no entanto, ele escapou, partindo mais uma vez para o outro lado do Jordão, onde havia começado seu ministério. Essa retirada foi interrompida, tão logo Jesus recebeu uma mensagem de Maria e Marta, informando-o da grave doença de **Lázaro**, irmão das duas. O nome “Lázaro” é uma variação de “Eleazar” (o prestigiado nome de um dos filhos de Arão; Êxodo 6:23), que significa “Deus é meu socorro”. Lázaro é identificado como sendo de **Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta**, localizada a cerca de três quilômetros de Jerusalém (11:18), a leste do monte das Oliveiras, na estrada para Jericó. Há que se diferenciar esse lugar da Betânia que fica a leste do Jordão (1:28). Os nomes “Marta” e “Lázaro” foram descobertos em inscrições de um ossuário em uma tumba perto de Betânia, em 1873<sup>4</sup>. Ainda que essa descoberta não prove que a tumba era de Maria,

<sup>4</sup> Charles Clermont-Ganneau, *Archaeological Researches in Palestine During the Years 1873–1874*, vol. 1, trad. Aubrey Stewart. Londres: Committee of the Palestine Exploration Fund, 1899, pp. 381–86.

Marta e Lázaro, ela demonstra que esses nomes eram comuns. Sendo assim, este Lázaro não deve ser confundido com o “mendigo, chamado Lázaro” mencionado em Lucas 16. O uso da expressão “Lázaro de Betânia” também corrobora esse fato.

Marta é identificada como irmã de Maria no versículo 1, e o versículo 2 afirma que Lázaro é seu **irmão**. Embora esta seja a primeira menção dessa família neste Evangelho, tudo indica que alguns leitores de João já tinham ouvido falar de pelo menos um dos três irmãos. Maria, uma das duas irmãs de Lázaro, **era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos**. O fato de Maria ter sido identificada dessa forma antes mesmo do evento propriamente dito ser narrado por João (veja 12:1–8) pode comprovar que muitos de seus leitores já conheciam a história da unção de Jesus por tradição oral. Resumindo, João informou a seus leitores como identificar Lázaro: ele era irmão da Maria que ungui o Senhor.

Posicionar essa família dentro do contexto dos outros acontecimentos registrados é um desafio. Em Lucas 10:38–42, eles receberam Jesus em sua casa e Maria sentou-se aos pés de Jesus para ouvi-lo. Com base nesse episódio, parece que Marta era a irmã mais velha, uma vez que ela foi a anfitriã que “hospedou [Jesus] na sua casa” (Lucas 10:38). Todos os três membros da família são mencionados em João 11 e 12. Curiosamente, Maria é mencionada em 11:1 antes de Marta. Maria, que se sentou aos pés de Jesus para ouvi-lo (Lucas 10:39), provavelmente era mais conhecida na igreja por causa de seu gesto singular de ungir Jesus.

**Versículo 3.** Diante da enfermidade de Lázaro, suas **irmãs mandaram** um recado a Jesus: **Senhor, está enfermo aquele a quem amas**. “Senhor” (*κύριε, kurie*) era uma forma de tratamento respeitosa, sem implicação divina (veja os comentários sobre 4:1–3). Apesar de, provavelmente, não estarem chamando Jesus de Deus, o uso de “Senhor” denota um reconhecimento de que Jesus era o Mestre e essas irmãs, suas discípulas. Em vez de nomear o irmão Lázaro, as irmãs simplesmente se referiram a ele como “aquele a quem amas”, indicando uma relação muito próxima entre Jesus e Lázaro. Essa designação levou alguns a afirmar que Lázaro era o discípulo amado (veja 13:23; 19:26; 20:2; 21:7, 20) e, consequentemente, o autor deste Evangelho. Leon Morris rebateu esse palpiti: “Mas seria um procedimento muito curioso falar dele pelo nome onze vezes nos capítulos 11 e 12

e deixar de citá-lo pelo nome em todas as subsequentes referências a ele”<sup>5</sup>.

Jesus provavelmente ainda estava em Betânia, além do Jordão (veja 1:28; 10:40), que ficava a mais de trinta quilômetros da casa de seus amigos. Deverem ser feitas pelo menos três observações sobre o recado das irmãs enviado a Jesus. 1) A urgência da mensagem é evidenciada pela palavra “eis”<sup>6</sup> (*ἴδε, ide;* veja RC), chamando o leitor a observar algo inesperado. 2) Nenhum pedido específico foi feito a Jesus. Sem dúvida, elas sabiam do perigo que Jesus enfrentaria se as visitasse a apenas três quilômetros de Jerusalém, onde alguns queriam apedrejá-lo (10:31). No entanto, esse linguajar expressava um pedido urgente de ajuda. 3) A mensagem não tomava por base o amor que Lázaro tinha por Jesus, mas o amor que Jesus tinha por Lázaro. As irmãs sabiam que Jesus tinha Lázaro num lugar especial em seu coração. Jesus não só amava Lázaro, mas também amava as duas irmãs (veja 11:5). O verbo “amar” no versículo 3 é φιλέω (*fileō*), enquanto no versículo 5 é ἀγαπάω (*agapaō*), e depois *fileō* aparece novamente no versículo 36. Essa variação indica que não há uma diferença relevante no significado das duas palavras (veja os comentários sobre 3:35, 36; 5:20; 21:15–17).

**Versículo 4.** A reação de Jesus à notícia sobre Lázaro pode parecer, inicialmente, estranha para o leitor moderno. As pessoas a quem Jesus respondeu não são identificadas. Os discípulos, bem como os mensageiros, provavelmente ouviram o que ele disse. Além disso, os mensageiros devem ter se tranquilizado com a declaração de esperança e a transmitiram para as irmãs. No entanto, o que Jesus disse – **Esta enfermidade não é para morte** – não significava que Lázaro não morreria, pois Jesus afirmou em 11:14 que Lázaro tinha morrido. Todavia, o resultado final dessa enfermidade não seria a morte. Pelo contrário, seria para a glória de Deus. Essa ideia se assemelha ao que diz 9:3, quando Jesus afirmou que o estado do cego de nascença era “para que se manifestassem nele as obras de Deus”.

Às vezes, “glória” é usada no sentido de dar

---

<sup>5</sup> Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 478, n. 13.

<sup>6</sup> N. Trad.: A palavra “eis” foi omitida na versão RA, mas não na RC, que diz: “Senhor, eis que está enfermo...” (João 10:3).

louvor a Deus. Este é o sentido em 9:24, em que o homem curado da cegueira recebeu a ordem de “dar glória a Deus”, contando a verdade. A morte de Lázaro não tinha como propósito dar glória a Deus, e sim revelar a glória de Deus. E, considerando que a autorrevelação de Deus ocorreu predominantemente no seu Filho, a morte e ressurreição de Lázaro visava **que o Filho de Deus fosse por ela glorificado**. A ressurreição de Lázaro proporcionou uma ocasião para Deus – o qual revelou ali a sua glória – glorificar seu Filho.

**Versículos 5 e 6.** João registrou a seguir que Jesus realmente amava toda aquela família. Jesus **amava a Marta**, amava a **sua irmã** Maria e amava a **Lázaro**. O fato de cada um ser mencionado separadamente enfatiza que, embora Jesus amasse toda a família, também amava cada membro individualmente. Desta vez, Marta é mencionada em primeiro lugar. O fato de Maria não ser citada pelo nome aqui sugere novamente que Marta era a mais velha das duas. O versículo 5 é importante por dois motivos: conta por que as irmãs enviaram mensageiros a Jesus com a notícia da doença de Lázaro e esclarece que não foi por falta de amor que Jesus reagiu à mensagem da maneira como reagiu.

Depois de incluir a nota do autor em 11:5, o versículo seguinte retoma a narrativa de 11:4, acrescentando um detalhe incomum. Quando Jesus **soube que [Lázaro] estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava**. Mesmo ciente de que seu amado amigo estava doente, Jesus permaneceu onde estava. Esperava-se que Jesus acorresse para Betânia, assim que ouvisse a notícia sobre Lázaro. Por que Jesus demorou mais dois dias? 1) Não foi por estar muito ocupado. Jesus estava sempre pronto para ministrar aos necessitados. 2) Além disso, não foi com o intuído de dar tempo para Lázaro morrer. Era provável que Lázaro já estivesse morto quando Jesus recebeu a notícia de sua enfermidade. Quando Jesus chegou, foi-lhe dito que seu amigo estava no túmulo havia quatro dias (11:17). Além disso, Marta disse em 11:39 que ele estava morto havia quatro dias. Os mensageiros viajaram por cerca de um dia até onde Jesus estava. E, depois que recebeu o recado das irmãs, Jesus esperou dois dias (11:6) para, daí passar um dia percorrendo o trajeto até Betânia. Com toda a probabilidade, Lázaro morreu no mesmo dia em que os mensageiros partiram para relatar a situação a Jesus. 3) Não foi para deixar claro que Lázaro estava realmente morto. O fato de

Lázaro já estar morto por quatro dias intensificou o impacto do milagre, mas é inimaginável que Jesus deixasse seus amados amigos sofrerem só para que o milagre fosse mais espetacular.

Jesus estava viajando em direção a Jerusalém, onde seria morto, cumprindo o derradeiro propósito da sua missão. João provavelmente queria que seus leitores percebessem que aquela movimentação de Jesus fora determinada pela vontade de Deus e não por circunstâncias criadas por homens. Este parece ser o caso também da festa de casamento em Caná (2:1–12) e da Festa dos Tabernáculos (7:3–10). Em todos os três casos, pessoas ao redor de Jesus insistiram para que ele agisse; e em todos os três casos ele inicialmente negou os pedidos. No fim, Jesus atendeu aos pedidos – porém, o fez no tempo de Deus, segundo a vontade do Pai, e não no tempo sugerido pelos homens nem por eles coagido.

**Versículos 7 e 8. Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judeia.** Dois dias após tentarem apedrejar Jesus, ele disse que deveriam voltar para a Judeia. Jesus citou a “Judeia” e não “Betânia” como o lugar para onde deveriam ir. Era na Judeia que os inimigos de Jesus estavam e que sua vida estaria em perigo. Nisto, Jesus não disse de imediato que o retorno tinha relação com Lázaro. Talvez tenham presumido que o Mestre queria retornar a Jerusalém para dar continuidade ao seu ministério de ensino.

A declaração de Jesus pegou os discípulos de surpresa, pois entendiam que era uma proposta perigosa. Disseram a Jesus: **Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?** Referiam-se ao incidente na Festa da Dedicação, onde a alegação de Jesus ser um com o Pai provocara uma reação hostil (10:31). A menção da “Judeia” em 11:7 sugere que “os judeus” era uma referência aos cidadãos da Judeia como em 7:1, particularmente à instituição religiosa estabelecida em Jerusalém. Os discípulos temiam pela vida de Jesus e deviam estar apreensivos também com suas próprias vidas e segurança (veja 11:16). Não fazia muito tempo que eles tinham saído daquela região para escapar do perigo, e agora Jesus queria voltar. Não parecia um plano sensato. Essa é a última vez neste Evangelho que os discípulos se dirigem a Jesus como “Mestre” (“Rabi”).

**Versículos 9 e 10. Jesus respondeu: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça.** Tanto os romanos como os judeus

dividiam parte clara do dia em doze horas. Nesse período, alguém podia caminhar e fazer seu trabalho porque podia ver a **luz deste mundo**, ou seja, o sol. No entanto, assim que chega a noite, é preciso parar as atividades. As palavras de Jesus tinham o objetivo de aliviar a ansiedade de seus discípulos, que estavam preocupados em voltar para a Judeia, onde o perigo prevalecia. A resposta de Jesus aos discípulos implicava dois fatos. 1) Não havia perigo para Jesus naquele momento de seu ministério, porque as doze horas do seu dia ainda não haviam se esgotado. Jesus ainda tinha tempo para trabalhar e não deveria parar. Convinha que ele trabalhasse enquanto ainda era oportuno, pois chegaria a hora em que ele não poderia continuar trabalhando na terra (veja 9:4). 2) Não havia perigo para os discípulos de Jesus em acompanharem o Mestre. Ele era “a luz do mundo” (8:12; 9:5) e ainda estava com eles. Enquanto os discípulos tinham Jesus consigo, não precisavam ficar apreensivos. Ele não morreria antes do tempo por Deus determinado; as horas da luz do dia no ministério de Jesus ainda não haviam se completado.

Jesus continuou: **mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.** É óbvio que, no nível físico, quem anda sob a luz do sol está seguro e não tropeça; por outro lado, se andar nas trevas, tropeçará. No plano espiritual, quem anda pela luz que Jesus irradia não anda nas trevas; entretanto, alguém tropeçará se andar em trevas espirituais. Enquanto os discípulos tivessem “a luz do mundo”, eles estariam seguros e não tropeçariam. Deveriam continuar a levar a cabo a obra que lhes fora confiada, pois logo chegaria a hora em que não teriam Jesus pessoalmente entre eles.

**Versículos 11 a 13.** Jesus disse aos discípulos: **Nosso amigo Lázaro adormeceu** (11:11). A expressão “nosso amigo” (*ὁ φίλος ἡμῶν, ho filos hemon*) indica que Lázaro era amigo dos discípulos e também do Senhor. Mais tarde, Jesus usaria o termo “amigos” (*φίλοι, filoi*) para designar seus discípulos (15:14). A expressão “adormeceu” é uma flexão do verbo *κοιμάω* (*koimao*) no perfeito passivo. Este verbo é usado dezoito vezes no Novo Testamento, quatorze das quais se referem à morte, enquanto quatro se referem ao sono literal. Convém observar que a palavra grega para “cemitério”, *κοιμητήριον* (*koimetērion*), está relacionada a esse verbo e significa “lugar para dormir”. Jesus usou o “sono” como metáfora para dizer aos discípulos que Lázaro estava morto. Esse eufemismo ocorre

novamente (embora com uma palavra diferente) em Marcos 5:39, onde Jesus disse que a filha de Jairo “não estava morta”, mas “dormia”. Um uso semelhante aparece no Antigo Testamento. Dizia-se que o indivíduo falecido “dormia com seus pais”, sugerindo um sono irreversível (veja Jó 14:11, 12). Em contraste com isto, a morte é vista como um sono do qual todas as pessoas um dia serão despertadas (Daniel 12:2). Isso não pressupõe que a morte seja simplesmente um estado de inconsciência, ou “sono da alma”, como é ensinado por alguns. Guy N. Woods fez a seguinte descrição:

A referência é ao estado do corpo; não do espírito. O espírito, longe de morrer, é realmente vivificado ao se libertar das limitações do corpo (1 Pedro 3:18–20), e sobrevive em seu estado desencarnado, no reino de Hades.<sup>7</sup>

Graças à sua habilidade sobrenatural, Jesus já sabia que Lázaro estava morto (veja 11:14); e ele estava indo para Betânia para **despertá-lo**. Jesus disse: **Vou**, usando o singular em vez do plural como em 11:7. Ele sabia que estava indo para despertar Lázaro. Na verdade, Jesus e só Jesus é “a ressurreição e a vida”. A ressurreição de Lázaro prefigurou o que Jesus fará, no último dia, por todos os seus amigos, ou discípulos (11:25, 26).

No Evangelho de João, muitas vezes Jesus fala alguma coisa no sentido figurado, mas os discípulos e outros o interpretam literalmente. Usar esse recurso abria oportunidade para mais ensino. Aqui, novamente, **os discípulos** inicialmente entenderam mal as palavras de Jesus. Considerando a forma como eles usaram a palavra **dorme**, fica evidente que eles interpretaram que Lázaro estava fisicamente adormecido. Entenderam que, segundo as palavras de Jesus no versículo 4, a “enfermidade não era para morte”, por isso, naturalmente, pensarem que o ponto crítico da doença havia passado e deduziram que Lázaro já estava **salvo** (11:12). Os discípulos estavam prontos para crer nisso; pois isso significaria que não teriam de viajar para a Judeia, onde o perigo os aguardava.

Como sempre, João acrescentou um comentário para esclarecer o mal-entendido dos discípulos em relação às palavras de Jesus: **mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono** (11:13).

<sup>7</sup> Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 232.

**Versículos 14 e 15.** Jesus deixou de falar no sentido figurado e declarou: **Lázaro morreu**. Embora os mensageiros só tivessem comunicado que Lázaro estava enfermo, Jesus sabia que ele já havia morrido.

Disse Jesus: **E por vossa causa me alegro de que lá não estivesses, para que possais crer**. Embora seu amigo tivesse falecido e as irmãs estivessem em luto, Jesus se alegrou por não estar lá. Presumivelmente, Jesus teria impedido que Lázaro morresse; mas isso, por sua vez, teria eliminado a oportunidade de os discípulos e outros verem a manifestação da glória de Deus e se fortalecerem na fé. Os discípulos já criam em Jesus, ou então não seriam seus discípulos; no entanto, a fé deles não era forte, pois muito em breve todos abandonariam Jesus. Eles já haviam testemunhado demonstrações do poder de Jesus, mas não haviam testemunhado nada parecido com uma demonstração completa. A ressurreição de alguém que já estava morto havia quatro dias revelaria a glória de Deus e aumentaria muito a fé dos discípulos (11:4). Os discípulos precisavam aumentar a fé para encarar o iminente retorno à Judeia, onde o perigo era inevitável.

**Versículo 16.** Assim que ouviu Jesus anunciar: “...vamos ter com ele” (11:15), **Tomé** assumiu a liderança e **disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele**. “Tomé” deriva da palavra aramaica que significa “gêmeo”, e **Dídimos** é o equivalente grego. Não sabemos de quem ele era gêmeo. Tomé raramente é mencionado nos demais livros do Novo Testamento; ele só aparece na lista dos apóstolos. João contém os únicos textos nos quais o caráter desse apóstolo é exposto (11:16; 14:5; 20:24–29; 21:2). Suas palavras em 20:25 fizeram com que ele fosse conhecido como “Tomé, o duvidoso”, mas não parece que Tomé duvidou mais do que os demais apóstolos. Foi necessário que todos vissem a prova da ressurreição de Jesus para crer (20:20). Embora ele tenha sido retratado como um lamentável pessimista, todos nós conseguimos entender as palavras e a desconfiança de Tomé e com ele se identificar. Mesmo sem esperança, Tomé exibiu qualidades que não devem ser descartadas. A coragem, a devoção e a iniciativa própria desse apóstolo devem ser valorizadas. Ele entendeu que Jesus morreria e que acompanhá-lo até a Judeia era arriscar o mesmo destino. No fim, ele abandonaria Jesus juntamente com os outros discípulos, mas ele não vacilou quando percebeu que

Jesus estava determinado a voltar para a Judeia.

### JESUS E MARTA (11:17–27)

<sup>17</sup>Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias. <sup>18</sup>Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém. <sup>19</sup>Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar a respeito de seu irmão. <sup>20</sup>Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. <sup>21</sup>Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão. <sup>22</sup>Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá. <sup>23</sup>Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. <sup>24</sup>Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia. <sup>25</sup>Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; <sup>26</sup>e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto? <sup>27</sup>Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.

**Versículo 17.** Como é o costume na maioria das culturas, após a morte do amado irmão Lázaro, pessoas foram consolar Marta e Maria. A narrativa não fornece detalhe algum sobre o trajeto que Jesus e os discípulos percorreram de além do Jordão até Betânia, nem sobre a hora do falecimento de Lázaro. As únicas certezas são as seguintes: Jesus permaneceu além do Jordão mais dois dias, após receber a notícia da doença de Lázaro (11:6), e Lázaro já estava **sepultado, havia quatro dias**, quando **Jesus** chegou a Betânia. A maioria dos estudiosos concorda que o sepultamento teria ocorrido o mais rápido possível após a morte. Os antigos habitantes do que hoje denominamos Palestina não tinham como retardar a decomposição de um cadáver; portanto, parece razoável deduzir que Lázaro foi enterrado no mesmo dia em que morreu. Ananias e Safira foram enterrados assim que morreram (Atos 5:6, 10). João pode ter mencionado os “quatro dias” por outra razão. Era antiga a crença rabínica de que a alma pairava sobre o corpo do falecido por três dias, “com a intenção de reentrar nele, mas assim que via sua aparência mudar [isto é, iniciada a decomposição], ela se afastava”<sup>8</sup>. Nesse momento, a morte era considerada irrever-

sível. Se essa crença ainda vigorava na época do episódio de Lázaro, isso significava que a única esperança para Lázaro era mesmo um ato divino. Esse versículo, juntamente com o aviso de Marta em 11:39 – “já cheira mal, porque já é de quatro dias” – enfatiza o caráter extraordinário do milagre que Jesus estava prestes a realizar.

**Versículos 18 e 19.** **Betânia** estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém. Um estádio, στάδιον (*stadion*), equivalia a uns duzentos metros (veja os comentários sobre 6:19–21). Portanto, quinze estádios eram cerca de três mil metros, ou seja, três quilômetros, como nas versões NAA e NVI. Essa nota topográfica implica que **muitos dentre os judeus** que foram consolar as irmãs eram de Jerusalém. A proximidade de Betânia a Jerusalém permitia que muitos se mobilizassem até Jerusalém sem maior dificuldade. Barrett comentou que esse detalhe também chama a “atenção para o fato de que Jesus, indo para Betânia, quase chegou a Jerusalém para a sua paixão”<sup>9</sup>. Conforme já observamos em relação a 11:8, a expressão “os judeus” em João frequentemente designa as autoridades religiosas em Jerusalém que eram hostis a Jesus (veja os comentários sobre 1:19); no entanto, não há razão para pensar que seja esse o sentido em 11:19. Os judeus que **tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolar** eram amigos e vizinhos judeus. A presença de tanta gente na casa dessas mulheres comprova a proeminência da família. Não era necessariamente só Jesus e seus discípulos que tinham amizade com a família de Lázaro. Embora fosse uma responsabilidade social consolar os enlutados, João “chama a atenção para a presença desses simpatizantes, visto que eles [deveriam] se tornar testemunhas do que aconteceria com Lázaro”<sup>10</sup>.

**Versículo 20.** Quando as irmãs **soube[ram]** que Jesus estava a caminho, **Marta saiu ao seu encontro**, porém **Maria ficou sentada em casa**. A apresentação das duas irmãs é notavelmente coerente com o que está registrado em Lucas 10:38–42. Marta era mais ativa e assertiva do que Maria. Marta era a mais prática e “ocupada”, e Maria, a pensativa e a que ficava “sentada”. Era natural que a notícia sobre a chegada de Jesus fosse dada a Marta. Ao saber que o Mestre estava chegando, ela

<sup>8</sup> Barrett, p. 394.

<sup>10</sup> George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 190.

tomou a iniciativa e foi ao seu encontro; “Maria, porém, ficou sentada em casa”. “Ficou” vem de καθέζομαι (*kathezomai*), que significa “estar na postura sentada”. Era costume que os enlutados ficassem nessa postura, enquanto recebiam as condolências de amigos e vizinhos<sup>11</sup>.

**Versículos 21 e 22.** As primeiras palavras de Marta foram de fé e amor: **Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão** (11:21). Sem dúvida, Marta e Maria tinham repetido essa frase várias vezes, nos últimos quatro dias. A declaração não deve ser vista como uma repreensão nem uma reclamação de que Jesus deveria estar ali. Mesmo sabendo quando os mensageiros haviam partido para entregar a mensagem a Jesus relativa à doença de Lázaro e quanto tempo levaria para Jesus viajar para Betânia, Marta não disse: “Senhor, se ao menos tivesse partido antes”. No entanto, ela expressou sua tristeza e pesar; pois ela sabia que se o Senhor estivesse presente durante a doença de seu irmão, ele poderia tê-lo curado.

Marta continuou: **Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá** (11:22). Numa rápida leitura, este versículo pode parecer indicar que a fé de Marta era autêntica e que ela confiava que Jesus poderia orar pela restauração de Lázaro e Deus o atenderia; no entanto, essa interpretação não resiste à luz da incredulidade de Marta revelada em 11:39. Embora ela tivesse dito a verdade, suas palavras agregavam mais do que ela pretendia. Parece que a declaração de Marta foi mais uma confissão do que um pedido a Jesus. Marta estava afirmando que confiava no poder de Jesus e reconhecendo o relacionamento íntimo que ele tinha com Deus, e não fazendo um apelo subentendido para que Jesus ressuscitasse seu irmão dos mortos. A morte de Lázaro não abalou a fé de Marta em Jesus; ela ainda confiava nele.

**Versículos 23 e 24.** D. A. Carson falou de 11:23 como “uma obra-prima de ambiguidade planejada”<sup>12</sup>. Por um lado, **teu irmão há de res-**

<sup>11</sup> “Logo que o corpo é transportado para fora da casa, todas as cadeiras e sofás são postos de volta em seus lugares, e os lamentadores se sentam (exceto no dia de sábado, e na sexta-feira somente por uma hora) no chão ou num banquinho” (Alfred Edersheim, *Sketches of Jewish Social Life in the Days of Christ*. Londres: Religious Tract Society, 1876, p. 174). Veja um exemplo vétero-testamentário dessa ideia em Jó 2:13.

<sup>12</sup> D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian N. Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 412.

**surgir** podia soar como um simples consolo para quem estava de luto pela perda do irmão. **Marta** respondeu: **Eu sei que ele há de ressurgir na resurreição, no último dia**. Por causa da influência dos fariseus e dos que aderiam aos seus ensinamentos, a crença na ressurreição dos mortos era comum entre os judeus, apesar de ser negada pelos saduceus (veja 5:28, 29; Mateus 22:23; Atos 23:8). Jesus partilhava essa mesma crença dos fariseus, como ficou evidente em sua controvérsia com os saduceus no templo (Marcos 12:18–27). A declaração de Marta em 11:24 comprova que ela tinha a mesma crença e que entendeu que Jesus se referia a essa ressurreição. Por outro lado, Jesus estava prometendo a ressurreição subsequente de Lázaro. A ideia da ressurreição imediata do irmão não ocorreu a Marta, mas ela logo testemunharia esse milagre. O comentário de Marta abriu caminho para uma das maiores declarações de Jesus neste Evangelho.

**Versículos 25 e 26.** Jesus já havia alegado ter recebido autoridade do Pai, tendo sido designado para vivificar os mortos no último dia (5:21, 25–29; 6:39, 40). Aqui, em sua quinta declaração “Eu sou” seguida de um predicado<sup>13</sup>, ele repetiu essa verdade, mas superou a garantia que tinha dado anteriormente dizendo: **Eu sou a ressurreição e a vida**<sup>14</sup>. Percebendo que Marta não compreendia o significado de “teu irmão há de ressurgir” (11:23), Jesus desviou a atenção dela da ressurreição no último dia para uma crença pessoal nele – o qual tinha poder para prover isso naquele mesmo dia. Na maioria das alegações iniciadas por “Eu sou”, Jesus usou figuras de linguagem para ilustrar a si mesmo e se explicar. Ele se descreveu como uma porta ou uma videira. Aqui, porém, ele não usou uma figura de linguagem. Em Cafarnaum, quando disse que “o Filho do homem vos dará” o pão do céu (6:27), ele acrescentou que ele mesmo era “o pão da vida” (6:35). Da mesma forma, Jesus não tinha poder apenas para ressuscitar mortos e dar vida; ele estava dizendo que só ele é “a ressurreição e a vida”.

A afirmação “Eu sou a ressurreição e a vida” pressupõe uma pergunta: “Ressurreição” e “vida” são essencialmente a mesma coisa; sendo que “vida” é uma maneira de enfatizar um ponto ou

<sup>13</sup> Veja os comentários sobre 6:35 e 9:5.

<sup>14</sup> As alegações anteriores são: “Eu sou o pão da vida” (6:35, 48), “eu sou a luz do mundo” (8:12), “eu sou a porta das ovelhas” (10:7; veja 10:9) e “eu sou o bom pastor” (10:11, 14).

explicar o significado de “ressurreição”? Ou “ressurreição” e “vida” se referem a duas coisas distintas que se complementam?<sup>15</sup> A segunda alternativa é mais plausível. Tudo indica que as duas frases ditas após essa importante alegação apenas a elucidam. Conforme demonstrado abaixo, a primeira frase explica a alegação “Eu sou a ressurreição”, enquanto a segunda explica “Eu sou... a vida”:

**Eu sou a ressurreição; quem crê em mim, ainda que morra, viverá.**

**Eu sou... a vida; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente.**

Visto que Jesus é a *ressurreição*, aquele que nele crê, apesar de morto, “viverá” novamente. As palavras são uma garantia de uma ressurreição geral no último dia e também uma garantia da própria ressurreição de Jesus dentre os mortos como “as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:20). Visto que Jesus é a *vida*, “todo o que vive e crê [nele] não morrerá, eternamente”. Em grego, os participios traduzidos por “vive” (*ζῶν, zōn*) e “crê” (*πιστεύων, pisteuōn*) são ambos precedidos de um artigo (*ὁ, ho*), indicando uma forte conexão.

Carson destacou que “o verbo *vive* não pode significar simplesmente *está vivo*”, uma vez que é óbvio que “somente aqueles que estão vivos podem crer”<sup>16</sup>. Qual é, então, o significado de “vive”? “Vive” significa participar da vida ressurreta de Jesus, ter vida e tê-la em abundância (10:10) ou ter a vida eterna (5:24; 10:28). Significa ter uma vida com qualidade semelhante à vida do próprio Deus (veja 2 Pedro 1:4; veja os comentários sobre 5:24). Temos essa vida quando estamos “em Cristo”, uma condição existente quando cremos nele e nascemos do alto obedecendo ao que ele ensina (1:12, 13; 3:3, 5, 36). Todos que cremos fomos “sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Romanos 6:4). O crente que foi “ressusci-

tado dos mortos” está espiritualmente vivo.

O que “crê” significa em 11:26? Enquanto “vive” se refere à mudança pela qual o crente passa ao nascer do alto, “crê” se refere à maneira como o crente deve viver. Ele continua confiando em Jesus, submetendo sua vontade à vontade de Jesus. Por meio dessa fé contínua e submissa, o crente mantém a vida espiritual que lhe foi concedida.

Na última parte do versículo 25, Jesus estava afirmando que o crente, mesmo que morresse, voltaria à vida, ou “viveria”, novamente na ressurreição geral no último dia. Depois, na primeira parte do versículo 26, ele alegou que quem desfruta da vida ressuscitada deste lado da morte física nunca experimentará a morte espiritual. Jesus não quis dizer que aqueles que creem nele não morrerão fisicamente. Ele quis dizer que seus seguidores não experimentarão a morte eterna como consequência do pecado. A morte para o cristão nada mais é que uma breve interrupção, quando o crente passa a desfrutar de uma comunhão ainda maior com Deus e os remidos de todos os tempos. Os salvos não morrerão espiritualmente na ressurreição no último dia, mas desfrutarão da vida eterna em um sentido qualitativo e quantitativo, por toda a eternidade.

Os versículos 25 e 26 são a verdadeira chave para entendermos todo o capítulo 11 de João. Há dois níveis de significado: a vitória sobre a morte física e a vitória sobre a morte espiritual. Para o descrente, a morte é tanto física quanto espiritual. Para o crente, a morte é física, mas não espiritual. Se Jesus pôde dar vida a um homem que já estava morto havia quatro dias, isso não confirma que ele tem poder para dar vida a uma alma enferma por causa do pecado? Como um sinal, a ressurreição de Lázaro não foi somente um clímax, mas também uma recapitulação, isto é, um sinal que repetiu temas anteriormente abordados no ministério de Jesus. Jesus já tinha oferecido vida espiritual a Nicodemos (cap. 3) e à mulher samaritana (cap. 4). Ele também ofereceu bênçãos físicas desta vida a um paralítico (cap. 5) e a um cego (cap. 9). Os versículos 25 e 26 reforçam tematicamente tudo isso.

Depois de Jesus alegar que é “a ressurreição e a vida” e elucidar essa alegação, ele lançou um desafio a Marta: **Crês isto?** Esta pergunta colocaava à prova a fé de Marta e sua confiança constante em que só Jesus é “a ressurreição e a vida” e que ele, cuja vida não pode ser tocada nem pela morte, veio para todo o que crê.

<sup>15</sup> Vários estudiosos têm discutido essa questão, incluindo J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 2, p. 388; C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1953, p. 365; F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, pp. 244–45 e Carson, pp. 412–13. Algumas observações aqui expostas se baseiam em declarações de Carson.

<sup>16</sup> Carson, p. 413.

**Versículo 27.** Marta costuma ser retratada como aquela que estava preocupada com muitas coisas no nível físico e não muito preocupada com as coisas espirituais como Maria (veja Lucas 10:41, 42). Embora seja verdade que Marta era a irmã “ocupada”, é inquestionável que ela era uma mulher de fé profunda. Será que ela crer no que Jesus acabara de dizer? Sem hesitar, ela respondeu: **Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.** De fato, naquele momento, antes da ressurreição, ela não conseguiu entender tudo o que Jesus dissera mais do que os demais discípulos; porém, quando questionada sobre sua fé, ela expressou uma firme convicção. A resposta de Marta foi uma confissão de fé, que antecipa a declaração de João sobre o propósito de seu Relato do Evangelho (20:30, 31). Marta não disse vagamente “eu creio”, e sim “eu tenho crido...” O verbo *πεπίστευκα* (*pepisteuka*) está no tempo perfeito e significa “vim a crer”. A fé de Marta era uma convicção fundamentada, abraçada anteriormente e ainda em vigor. O enfático “eu” (*ἐγώ, egō*) intensificou a fé por ela expressa. Era como se ela dissesse: “Eu, de minha parte, independentemente dos outros, cri e continuo a crer”.

A confissão de Marta pode soar formal, muito semelhante à confissão dos que são batizados, mas, provavelmente, ela não a fez exatamente dessa maneira. Marta pode ter expressado que aceitava que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e aquele que haveria de vir em basicamente três ou quatro frases. O conteúdo da confissão de Marta compõe-se de três partes, sendo cada uma essencial à plena fé em Jesus. 1) Jesus é “o Cristo”, o Messias, há muito esperado pelos judeus. Este é o mesmo reconhecimento feito primeiramente por André (veja os comentários sobre 1:41). Jesus é o escolhido e prometido de Deus. Ele é o cumprimento do plano de Deus predito pelos profetas. 2) Jesus é “o Filho de Deus”, como João Batista e Natanael reconheceram (1:34, 49). Ele é mais do que um ser humano: ele é o Filho de Deus, dotado da mesma natureza do Pai (veja 5:18). Mais tarde, João diria que os sinais que ele apresentou “foram registrados para que creias que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (20:31). 3) Jesus é aquele “que devia vir ao mundo”, “o esperado” (Mateus 11:3) sobre o qual Moisés e os profetas escreveram (1:45) e o que foi enviado ao mundo por Deus para cumprir sua vontade. As três confirmações de Marta a respeito de Jesus exprimem uma visão elevada da Pessoa de Cristo e

demonstram uma profunda fé em Jesus. Essa confissão faz lembrar a de Pedro em Mateus 16:16 (cf. Marcos 8:29; Lucas 9:20).

## JESUS E MARIA (11:28–32)

<sup>28</sup>Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: O Mestre chegou e te chama. <sup>29</sup>Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele, <sup>30</sup>pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele. <sup>31</sup>Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar. <sup>32</sup>Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido.

**Versículos 28 e 29.** A chegada de Jesus aos arredores de Betânia não era sabida de todos, e Marta não queria que os muitos judeus que tinham vindo expressar suas condolências soubessem que Jesus estava perto (11:19). Por isso, ela disse **em particular a Maria** que Jesus havia chegado, provavelmente para dar oportunidade à irmã de ter um tempo a sós com o Mestre, tal como ela mesma acabara de ter. Marta disse a Maria: **O Mestre** [“Rabi”; veja os comentários sobre 1:38; 20:16] **chegou**. Os discípulos costumavam se referiam a Jesus dessa maneira (veja 13:13). Jesus tinha uma visão diferente da dos rabinos que se recusavam a ensinar mulheres. O artigo definido enfatiza a singularidade do mestre Jesus. Jesus é de fato o Mestre dos mestres. Ao ouvir que Jesus a **chama[va]**, Maria **levantou-se depressa e foi ter com ele**. Assim como Marta quis ver Jesus, Maria também tinha esse grande desejo.

**Versículos 30 e 31.** João acrescentou uma observação para explicar por que Maria teve que sair de casa para ir ver Jesus. Ele disse que **Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele**. Marta tinha ido à periferia da aldeia para encontrar Jesus (11:20), e ele permanecia no mesmo lugar. O texto não diz por que Jesus ainda não havia entrado na aldeia. Talvez fosse para dar a Maria a mesma oportunidade que Marta teve de passar um tempo a sós com ele. Nesse caso, isso foi em vão porque os consoladores, supondo que ela ia ao túmulo para chorar, a seguiram para continuar a consolá-la.

**Versículo 32.** Quando **Maria** encontrou **Jesus**

onde ele a esperava, ela se **lançou aos pés** dele. Assim como Marta, Maria expressou sua fé em Jesus e a confiança de que ele poderia ter curado seu irmão: **Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido.** Ao contrário de Marta, Maria não acrescentou à sua frase uma declaração de fé; entretanto, não devemos concluir que a fé de Maria era menor do que a de Marta.

### A IRA E A TRISTEZA DE JESUS (11:33–37)

<sup>33</sup>**Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se.** <sup>34</sup>E perguntou: Onde o sepultaste? Eles lhe responderam: Senhor, vem evê! <sup>35</sup>Jesus chorou. <sup>36</sup>Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava. <sup>37</sup>Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse?

**Versículos 33 a 35.** Segundo o costume funerário judaico, até famílias pobres contratavam pelo menos dois flautistas e uma mulher pranteadora<sup>17</sup>; e a família de Lázaro estava longe de ser pobre (12:1–3). A cena desta seção descreve o choro de Maria e Marta, de amigos e de pranteadores profissionais. A palavra equivalente a **chorar** é κλαίω (*klaiō*), que implica um choro alto e até um lamento. Expressar toda essa emoção incontida condizia com o costume da época. Quando Jesus observou tudo isso, **agitou-se no espírito e comoveu-se** (11:33). E isto levanta duas perguntas: “Qual foi a reação de Jesus?”, e: “Por que ele reagiu assim?”

A pergunta sobre a reação de Jesus não envolve o significado da expressão “no espírito”. Todos concordam que essa expressão não se refere ao Espírito Santo, mas tem, essencialmente, o mesmo sentido que ἐν ἑαυτῷ (*en heautō*, “dentro de si” ou literalmente “em si mesmo”), usada em 11:38. A reação de Jesus está ligada ao significado de “agitou-se” (*ἐμβριμάομαι, embrimaomai*). Em seu sentido primário, esse vocábulo significa “zangar-se” ou “expressar intenso desagrado”<sup>18</sup>. Ele é usado na LXX para expressar indignação e raiva (Daniel 11:30; veja Lamentações 2:6). No Novo Testamento, essa palavra ocorre duas vezes neste capítulo (11:33, 38) e só mais três vezes em outras passa-

gens. Em Mateus 9:30 e Marcos 1:43, Jesus “advertiu severamente” as pessoas a quem ele havia curado; e em Marcos 14:5 alguns “murmuravam contra” uma mulher por desperdiçar um perfume caro. Então, perguntamos: “O significado dessa palavra é o mesmo aqui?” Vários comentaristas acreditam que sim. Nesse caso, Jesus ficou cheio de indignação. George R. Beasley-Murray frisou que, embora a tradição inglesa entenda o termo como um indicador de profunda emoção, na tradição alemã ele é visto como uma referência a ira<sup>19</sup>. Rejetando a interpretação inglesa, Carson propôs que a “reação interna [de Jesus] foi ira, ou ultraje, ou indignação”<sup>20</sup>. Por outro lado, na opinião de Morris, sendo-lhe difícil acreditar que Jesus estivesse com raiva, João estava “dizendo claramente que Jesus ficou profundamente comovido”<sup>21</sup>. O argumento em defesa dessa interpretação está na palavra “comoveu-se” (*ταρράσσω, tarassō*), que implica tremer ou estremecer. A reação emocional de Jesus à cena foi tão forte que ele “estremeceu”. Essa interpretação se reflete na tradução de E. V. Rieu: “... tomou-lhe tamanha aflição de espírito que seu corpo estremeceu”<sup>22</sup>.

O verbo traduzido por “comoveu-se” no versículo 33 e em outros trechos comunica um sentimento de indignação; no entanto, William Hendriksen estava correto ao dizer que a intensa emoção experimentada por Jesus incluía um elemento além da indignação, a saber, a *simpatia*<sup>23</sup>. O contexto imediato apoia esse entendimento, apontando para o choro de Maria, dos amigos e dos pranteadores profissionais. É razoável que Jesus, o “Maravilhoso Conselheiro” (Isaías 9:6), ficasse profundamente comovido, perturbado e cheio de *simpatia* por essa família a quem ele tanto amava. Parece não haver razão para esse verbo não abranger tanto indignação como *simpatia*.

Jesus não se agitou ou se comoveu por causa do choro de Maria e dos outros; ele próprio

<sup>19</sup> Beasley-Murray, p. 192.

<sup>20</sup> Carson, p. 415. Wood concorda basicamente com Carson, afirmando que essa palavra “comunica a noção de raiva, indignação” (Woods, p. 241).

<sup>21</sup> Morris, p. 494.

<sup>22</sup> E. V. Rieu, *The Four Gospels*. Baltimore: Penguin Books, 1953, p. 225.

<sup>23</sup> William Hendriksen, *O Evangelho de João*. Comentário do Novo Testamento. Trad. Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 516. N. Trad.: Entenda-se *simpatia* como “a percepção, compreensão e reação ao sofrimento ou necessidade de outra forma de vida” (Wikipedia).

<sup>17</sup> Mishná, *Ketuboth* 4.4.

<sup>18</sup> James Hope Moulton and George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, p. 206.

derramou lágrimas (11:35). Talvez Jesus estivesse irado e perturbado a ponto de estremecer por causa do pecado, da doença, da morte e da desolação que afligem a humanidade em decorrência da obra de Satanás. O efeito dessas mazelas evidenciou-se no sofrimento de Maria, Marta e os demais amigos presentes. J. Ramsey Michaels resumiu a reação de Jesus da seguinte forma:

Ver Maria e aqueles outros judeus chorando despertou emoções em Jesus – tristeza (v. 35), agitação e (surpreendentemente) ira (vv. 33, 38). Ele não estava zangado com Maria e as outras pessoas em luto por que perderam o controle (chorar alto era normal e esperado nessas situações), nem pela falta de fé no que ele faria (pois não tinham como saber o que aconteceria). Jesus estava irado com a morte, o Inimigo que mantém todos os seres humanos cativos a impureza e vergonha.<sup>24</sup>

Outros comentaristas têm defendido que a ira de Jesus no versículo 33 era com o povo de Deus e sua incredulidade. Beasley-Murray disse que, apesar do testemunho das Escrituras, e apesar dos sinais que Jesus realizara entre eles, ainda se entrisciam “como os demais, que não têm esperança” (1 Tessalonicenses 4:13)<sup>25</sup>. Jesus tinha dado testemunho de sua soberania e procedência divina e havia proclamado a todos ali a palavra que prometia vida, tanto na terra como no porvir. Jesus podia dar tudo àquelas pessoas, mas elas ainda o rejeitavam. No nosso entendimento, a ira de Jesus não se concentrava necessária e exclusivamente em alguma dessas possibilidades; ele poderia estar irado com o pecado, a tristeza e a morte, e também com a incredulidade que alguns demonstraram.

Jesus, então, perguntou: **Onde o sepultaste?** (11:34). Ele só estava pedindo informações, mesmo sabendo de antemão a resposta. A pergunta visava beneficiar o público presente. A resposta, que parece ter vindo de Maria e Marta, foi um convite: **vem evê**. Essa frase ecoa o convite do próprio Jesus aos dois primeiros discípulos (1:39) e o convite de Filipe a Natanael (1:46). Para o leitor, esse diálogo também sinaliza que Jesus estava pronto para fazer o que ele tinha ido fazer: ressuscitar Lázaro dos mortos.

É lamentável que a declaração **Jesus chorou** (11:35) seja lembrada por muitos por ser o versí-

culo mais curto da Bíblia, e não pelas informações nela contidas. Na realidade, esse não é o versículo mais curto do texto grego, pois 1 Tessalonicenses 5:16 – “Regozijai-vos sempre” – contém catorze letras, enquanto “Jesus chorou” só contém dezesseis.

O verbo “chorou” (*δακρύω, dakruō*) em 11:35 é diferente do verbo que descreveu o choro de Maria e dos judeus (*κλαίω, klaiō*); significa “derramou lágrimas” e designa um tipo de choro silencioso, e não um choro alto que inclui lamento.

Por que Jesus chorou? Ele não derramou lágrimas por Lázaro, pois planejava ressuscitá-lo dos mortos. O mesmo pecado, tristeza, morte e incredulidade que motivaram a agitação de Jesus também causaram sua tristeza. Embora isso seja verdade, a ênfase aqui, como em todo o Evangelho de João, é a humanidade de Jesus. Ele demonstrou ter necessidades e emoções humanas: ficou cansado (4:6), teve sede (4:7; 19:28), sentiu compaixão (11:5) e chorou (11:35). Como observou o escritor de Hebreus, Jesus de fato pode compadecer-se da sinu comum de toda a humanidade (Hebreus 4:15). Jesus se entristeceu pelas duas amadas irmãs de Lázaro e por seus muitos amigos. Ao derramar essas lágrimas junto ao túmulo do amigo Lázaro, Jesus se identificou com todos os que já perderam entes queridos.

**Versículos 36 e 37.** O derramamento de lágrimas de Jesus foi interpretado de duas maneiras por aqueles que o testemunharam. 1) Alguns ficaram impressionados ao vê-lo chorando e disseram: **Vede quanto o amava**. As lágrimas de Jesus, de fato, indicavam que ele amava Lázaro e suas duas irmãs (11:3, 5), mas esses espectadores não entenderam a verdadeira razão do choro de Jesus. 2) Outros expressaram surpresa porque aquele que curou o cego de nascença (9:1–12) não conseguiu impedir a morte de seu amigo. Diziam: **Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse?** Assim como Marta (11:21) e Maria (11:32), pensavam que Jesus poderia ter evitado a morte de Lázaro, se estivesse presente enquanto o amigo estava enfermo. Não levaram em conta a possibilidade de Lázaro ser ressuscitado dos mortos; só pensaram no milagre de cura realizado em Jerusalém, sobre o qual tinham ouvido falar e, talvez, até testemunhado. A pergunta retórica subentendia uma resposta positiva, mas também indicava falta de fé. Certamente, pensavam eles, se Jesus fosse o que afirma ser, poderia ter agido para evitar a morte do amigo.

<sup>24</sup>J. Ramsey Michaels, *John*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1989, p. 203.

<sup>25</sup>Beasley-Murray, p. 193.

Tão logo tivesse sido informado da doença de Lázaro, Jesus teria ido ficar com Maria e Marta. No entanto, Jesus esperou até o momento certo, sabendo que iria usar essa oportunidade “para a glória de Deus” e para glorificar a si mesmo, “o Filho de Deus” (11:4). Os enlutados, porém, não tinham a mesma confiança nesse cronograma. Na mente deles, Jesus havia perdido a oportunidade de ajudar Lázaro e, logo adiante, relutariam em seguir suas instruções.

### “LÁZARO, VEM PARA FORA!” (11:38–44)

<sup>38</sup>**Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta a cuja entrada tinham posto uma pedra.** <sup>39</sup>**Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias.** <sup>40</sup>**Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?** <sup>41</sup>**Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste.** <sup>42</sup>**Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.** <sup>43</sup>**E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!** <sup>44</sup>**Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço.** Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e deixai-o ir.

**Versículo 38.** Aproximando-se do túmulo, **Jesus agitou-se novamente.** Sem dúvida, a agitação decorria parcialmente da incredulidade demonstrada por alguns em 11:37. O verbo usado para descrever a expressão emocional de Jesus (*ἐμβριμάομαι, embrimaomai*, “agitando-se”) é o mesmo usado anteriormente (veja os comentários sobre 11:33–35). Jesus foi até o túmulo, descrito como **uma gruta com uma pedra à entrada.** Essas grutas ou cavernas às vezes eram naturais, às vezes eram cavadas ou esculpidas na rocha. Eram sepulturas comuns na Palestina daqueles dias, especialmente para quem possuía recursos financeiros. O texto não revela se a gruta ficava na posição vertical, tendo uma pedra por cima da abertura, ou na horizontal, tendo uma pedra encostada na abertura. Usavam-se pedras grandes para selar esses dois tipos de sepulcros. O contexto relata que Lázaro saiu para fora (11:44), sugerindo que a gruta ficava na horizontal. A descrição é muito pare-

cida com a do sepulcro em que o corpo de Jesus seria colocado, diis depois (veja Mateus 28:2; Marcos 16:3, 4; Lucas 24:2; João 20:1).

**Versículos 39 e 40.** **Marta** ficou surpresa com o pedido de Jesus: **Tirai a pedra.** A descrição de João não deixa dúvidas quanto à certeza da morte de Lázaro. Marta, sempre tão prática, observou que, como já haviam se passado **quatro dias** desde a morte de Lázaro, a decomposição teria começado: **Já cheira mal.** Os judeus do primeiro século, diferentemente dos egípcios, não mantinham a prática do embalsamamento. Os mortos eram normalmente sepultados no dia da morte (veja os comentários sobre 11:17). Segundo o costume judaico, os corpos eram embrulhados em faixas de tecido (veja 11:44) e adicionados de especiarias para neutralizar o odor.

Jesus consolou Marta, lembrando-a de sua promessa: **Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?** Essas palavras, de fato, ecoaram o que ele já havia dito aos seus discípulos (11:4), e também eram a garantia que ele havia dado a Marta em 11:23, 25, 26. A promessa de Jesus era de que, na ressurreição do irmão, ela veria a manifestação da glória de Deus. Embora muitos viessem a testemunhar o milagre, o verdadeiro significado do que Jesus faria seria discernível somente aos que tivessem fé. Esses crentes testemunhariam um evento milagroso que manifestava a glória de Deus e, por sua vez, glorificava seu Filho.

**Versículos 41 e 42.** Seguindo as instruções de Jesus, **tiraram... a pedra.** O texto não diz quem moveu a pedra, mas tudo indica que foram os judeus que vieram consolar Marta e Maria (veja 11:19). Antes do milagre, **Jesus ergueu os olhos para o céu** (veja 17:1) e fez uma oração significativa por vários motivos.

Em primeiro lugar, ele se dirigiu a Deus chamando-o simplesmente de **Pai** (veja 12:27, 28; 17:1, 25), em vez de “Pai nosso”; pois o seu relacionamento com o Pai se diferenciava do relacionamento dos outros.

Em segundo lugar, Jesus **deu graças** ao Pai por tê-lo ouvido. O aoristo (*ῆκουσας, ēkousas*, “ouviste”) aponta para um ato específico de orar ou já proferido ou mentalmente solicitado por Jesus, para que Lázaro fosse ressuscitado. A súplica já havia sido feita; agora era hora de dar graças.

Em terceiro lugar, a união eterna entre o Pai e o Filho é evidenciada nas palavras: **eu sabia que sempre me ouves.**

Em quarto lugar, Jesus proferiu sua oração de agradecimento em voz alta **por causa da multidão presente**. A oração enfatizava que Jesus nada fazia por si mesmo, mas era submisso ao Pai. As palavras ditas em seguida não tinham o propósito de uma exibição pública; eles eram para manifestar poder divino.

Finalmente, Jesus tinha um grande desejo de que **cressem que** ele fora **enviado** pelo Pai. Ele enfatizou que era submisso ao Pai e queria mostrar a glória de Deus (11:40). Jesus queria que a multidão presente cresse nele.

**Versículos 43 e 44.** Depois de orar, Jesus chamou para fora o homem morto. **Clamou em alta voz:** Lázaro, vem para fora! A expressão “clamou” deriva do verbo *κραυγάζω* (*kraugazō*), que significa “gritar”. Aqui, é reforçada com *φωνῇ μεγάλῃ* (*fōnē megaleī*), traduzido por “em alta voz”. O verbo *kraugazō* ocorre nove vezes no Novo Testamento grego, seis das quais são em João (11:43; 12:13; 18:40; 19:6, 12, 15; Mateus 12:19; Lucas 4:41; Atos 22:23). Quatro dessas ocorrências designam os clamores referentes à crucificação de Jesus (18:40; 19:6, 12, 15). A alta voz era desnecessária para que Lázaro ouvisse; mas beneficiava a multidão. Morris disse: “Provavelmente, pelo menos em parte, o intuito era que a multidão soubesse que aquilo não era um truque de magia, mas o poder do próprio Deus. Os mágicos ou ilusionistas recitavam seus encantamentos e feitiços [veja Isaías 8:19]. Não era assim que agia o Filho de Deus”<sup>26</sup>.

Lázaro saiu para fora porque a ordem era revestida da autoridade de Jesus. Essa ordem a Lázaro exemplifica o que acontecerá no último dia, quando todos os mortos em seus túmulos ouvirão a voz de Jesus e sairão (5:28, 29). Dizem que a voz de Jesus tamanha autoridade teve nessa hora que, se ele não tivesse especificado que era para Lázaro sair, todos os que estavam nas sepulturas teriam ressurgido.

O milagre foi instantâneo, completo e incontestável quanto à sua autenticidade. **Aquele que estivera morto** traduz ὁ τεθνήκως (*ho tethnēkōs*), um particípio perfeito que significa literalmente “aquele que havia morrido”. O verbo base é θνῆσκω (*thnēskō*). É usado só mais uma vez no Evangelho de João, em 19:33 (também num particípio), revelando uma conexão interessante entre os relatos das ressurreições de Lázaro e Jesus. Tal

como aconteceria depois na morte de Jesus, não havia como negar que Lázaro estava morto. João nada revelou sobre a existência de Lázaro após a sua morte nem sobre a sua vida após ser ressuscitado. O milagre da ressurreição dos mortos é o evento enfatizado. Lázaro **saiu... tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço**, literalmente um pano para enxugar a transpiração (veja Atos 19:12). Este termo deriva de *σουδάριον* (*soudarion*), uma transliteração do latim *sudarium*, “guardanapo”. Mais tarde, João descreveu o corpo de Jesus sendo preparado dessa mesma maneira (veja 19:40; 20:5, 7).

Esta cena da ressurreição, sem dúvida, foi uma visão extraordinária, sendo difícil entender como Lázaro, amarrado com faixas de linho, conseguiu sair para fora do túmulo. Edwyn Clement Hoskyns comentou: “Basil sugeriu... um milagre dentro de um milagre. Lázaro não sai andando da sepultura; ele está todo enfaixado...”<sup>27</sup> Essa é uma conclusão desnecessária; pois, mesmo estando amarrado, apesar de não poder andar, Lázaro podia pelo menos arrastar-se até a entrada da gruta. Quando ele saiu, Jesus prontamente ordenou aos espectadores: **Desatai-o e deixai-o ir**. Essa frase conclui de forma abrupta o milagre mais sensacional do ministério de Jesus: a ressurreição de um cadáver em decomposição. De fato, Jesus é “a ressurreição e a vida” (11:25), aquele que tem toda a autoridade, até sobre a morte!

## O EFEITO DA RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (11:45–57)

<sup>45</sup>Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele. <sup>46</sup>Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara.

<sup>47</sup>Então, os principais sacerdotes e os fariseus convocaram o Sinédrio; e disseram: Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? <sup>48</sup>Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação. <sup>49</sup>Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele

<sup>27</sup>Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 407. Basil, um bispo do quarto século, escreveu sobre Lázaro: “Amarrado [nas ataduras sepulcrais], ele saiu para fora. Seus pés não o sustentaram; antes, foi a graça que lhe deu asas” (Basil, *Homilia sobre Lázaro* 11–12).

<sup>26</sup>Morris, p. 498.

ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis,<sup>50</sup> nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação.<sup>51</sup> Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação<sup>52</sup> e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.<sup>53</sup> Desde aquele dia, resolveram matá-lo.<sup>54</sup> De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos.

<sup>55</sup>Estava próxima a Páscoa dos judeus; e muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem.<sup>56</sup> Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?<sup>57</sup> Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem.

**Versículos 45 e 46.** As palavras e feitos de Jesus sempre causaram divisão (veja 7:43; 9:16; 10:19). Foi assim especialmente no caso da ressurreição de Lázaro. Essa revelação da glória de Deus gerou fé em muitos judeus. Esses judeus foram descritos como os que tinham vindo visitar Maria. Até aqui, Marta estivera no foco da narrativa; a partir do versículo 45, João chama a atenção para os judeus que acompanhavam Maria. João já havia mencionado que eles estavam com Maria (11:31, 33). Por que ele citou Maria e não Marta? Marta era a irmã mais velha e a prática, enquanto Maria parecia ser menos ativa e mais sensível. Foi ela quem se sentou aos pés de Jesus em Lucas 10:39 e também ungiu Jesus em João 12:3. Ela provavelmente tinha um círculo de amigos mais amplo do que Marta. Por alguma razão, João associou “os judeus” (não subentendidos num sentido negativo aqui; veja os comentários sobre 1:19) a Maria mais uma vez. Esses judeus viram o que fizera Jesus. O verbo “vendo”, de θεάομαι (*theaomai*; veja 1:14), indica que eles haviam olhado atentamente para o que Jesus havia feito. O resultado desse exame cuidadoso foi que creram nele. Uma fé meramente baseada em sinais, embora não seja a maior fé, é fé mesmo assim. É melhor do que nenhuma fé (veja 2:23–25).

Em contraste com os que depositaram fé em Jesus, outros, porém, foram ter com os fariseus

para relatar os feitos que Jesus realizara. A implicação é que a intenção deles não era amigável – talvez até hostis. Isto é plausível porque é traçado um contraste entre os que creram e os que foram falar com os fariseus. Os fariseus (veja os comentários sobre 1:24; 7:32) eram o grupo religioso mais zeloso e estavam mais em contato com o povo. Um evento da magnitude da ressurreição de Lázaro seria naturalmente levado ao conhecimento deles. A incredulidade dos que foram falar com os fariseus cumpriu o que Jesus dissera em Lucas 16:31: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. A incredulidade não era devida a falta de provas, e sim mas a dureza de coração. Esses judeus tinham provas suficientes de que Lázaro ressuscitara dentre os mortos, mas, em vez de se deixarem convencer pelas provas e crer em Jesus, ficaram ainda mais determinados a se opor a ele.

**Versículos 47 e 48.** Quando os líderes judeus ouviram que Jesus havia ressuscitado Lázaro dos mortos, convocaram uma reunião do **Sinédrio** (συνέδριον, *sunedrion*; veja os comentários sobre 7:32). Sem dúvida, essa reunião foi extraoficial, e não uma sessão regular. A referência a Caifás como “um dentre eles” (11:49) confirma o caráter extra-oficial da sessão. Se fosse uma assembleia regular do Sinédrio, teria sido convocada por Caifás, “sumo sacerdote naquele ano” (11:49). A expressão **os principais sacerdotes e os fariseus** é uma designação abrangente para todos que compunham o tribunal superior de justiça dos judeus. Entre os “principais sacerdotes” havia o sumo sacerdote e membros de distintas famílias de sacerdotes, dos quais a maioria era de saduceus. Estes constituíam a maioria do conselho, enquanto os “fariseus” eram escribas e compunham a minoria. Os saduceus eram “diametralmente opostos aos fariseus quanto à filosofia e religião”<sup>28</sup>, mas estavam dispostos a se aliar aos fariseus para discutir o problema de Jesus. Desse ponto da narrativa em diante, os fariseus não são mencionados com frequência; os principais sacerdotes assumem a liderança na acusação contra Jesus.

O clima que pairava no Sinédrio era de pânico. Começaram questionando: **Que estamos fazendo?**, uma pergunta que poderia ser meramente

<sup>28</sup> G. Campbell Morgan, *The Gospel According to John*. Nova York: Fleming H. Revell Co., s.d., p. 202.

retórica (“O que conseguimos até agora?”) ou deliberativa (“O que é que vamos fazer?”; NTLH). Na primeira hipótese, significaria que estavam especulando qual a eficácia das medidas tomadas até aquele ponto. Nesse caso, a resposta subentendida era “nada”. Na segunda hipótese, estavam admitindo que precisavam desenvolver um plano de ação; em outras palavras: “O que devemos fazer?”

O problema declarado era **que este homem opera muitos sinais**. Segundo essas autoridades religiosas, era indiscutível que Jesus tinha de fato realizado “muitos sinais”: as curas do filho do oficial do rei (cap. 4), do homem no tanque de Beitesda (cap. 5) e do cego de nascença (cap. 9), mas, especialmente, a ressurreição de Lázaro. As provas desses milagres, em vez de gerar fé nesses homens, deixou-os mais resistentes a Jesus. As autoridades religiosas temiam que “as expectativas messiânicas populares [atingissem] picos de agitação que produziriam, com ou sem a sanção de Jesus, uma revolta que faria com que o peso total de Roma desabasse sobre a cabeça deles”<sup>29</sup>.

Preocupava-lhes que a reação dos **romanos** acabasse sendo tirar-lhes o **lugar e a própria nação**. A expressão “o nosso lugar” provavelmente era alusiva ao templo (veja Atos 6:13; 21:28), enquanto “a própria nação” se referia à condição de território semiautônomo concedida pelos romanos. As autoridades religiosas temiam que, caso eclodisse uma revolta popular, os romanos tirariam deles o templo e a nação. Embora o significado concreto de “o nosso lugar” seja o templo, *tόπος (topos)* também pode significar “posição”. Apesar de parecerem preocupados com o templo e a nação, talvez esses líderes estivessem agindo mais motivados pela ganância por posição de poder, prestígio e privilégios.

**Versículos 49 e 50.** Na lei hebraica, o ofício de **sumo sacerdote** era vitalício (veja Números 20:23-28; 35:25); mas sob a jurisdição romana, o sumo sacerdote ocupava seu cargo somente em conformidade com o que os romanos determinavam. Anás serviu como sumo sacerdote em 6-15 d.C., mas continuou a exercer influência por muitos anos (veja 18:12-24). José **Caifás** (conforme referido por Flávio Josefo), genro de Anás, foi nomeado sumo sacerdote em 18 d.C. pelo prefeito romano Valério Grato<sup>30</sup>. Ele permaneceu nessa função até

36 d.C., sendo o sumo sacerdote em atividade quando Pôncio Pilatos governou a Judeia. Além de João (18:13, 14, 24, 28), só Mateus mencionou Caifás pelo nome na narrativa da paixão (Mateus 26:3, 57). Ele é mencionado duas vezes em outros contextos (Lucas 3:2; Atos 4:6).

Considerando que Caifás é identificado como “sumo sacerdote” **naquele ano**, o leitor pode erroneamente concluir que os romanos designavam anualmente um sumo sacerdote. Com certeza, não era assim, como demonstra a longa gestão de Caifás por dezoito anos. No entanto, quando um sumo sacerdote desagradava o governador romano, geralmente ele era substituído. Andreas J. Köstenberger observou:

Valério Grato, antecessor de Pilatos, repetidamente depôs sumos sacerdotes após um curto período de mandato. Assim, os três sumos sacerdotes anteriores a Caifás (15-18 d.C.), bem como seus sucessores imediatos (36 d.C.), todos cumpriram seus mandatos somente por cerca de um ano; o mesmo sucedeu aos três sumos sacerdotes sob o governo de Agripa (41-44 d.C.) e à maioria dos sumos sacerdotes de 44 a 66 d.C.<sup>31</sup>

Portanto, a expressão “naquele ano” pode ter sido usada por causa da instabilidade do cargo de sumo sacerdócio, visto que muitos homens ocuparam esse cargo no primeiro século. Outra possibilidade é que João estava enfatizando “aquele ano fatídico” ou “aquele ano histórico” em que o Filho de Deus foi morto, cumprindo a missão para a qual fora enviado ao mundo. “Naquele ano” é enfatizado por João em mais duas ocorrências, 11:51 e 18:13.

O pronunciamento de Caifás, na abertura daquela sessão do Sinédrio foi contundente: **Vós nada sabeis**. No vernáculo moderno, isso equivale a: “Vocês não sabem o que estão falando!” Aparentemente, a falta de polidez de Caifás era típica dos saduceus. Flávio Josefo afirmou que “o comportamento dos saduceus entre si é um tanto selvagem; e suas conversas com os membros de seu próprio partido são tão bárbaras como se fossem estranhos uns aos outros”<sup>32</sup>. “Vós” (*ὑμεῖς, humeis*) está em posição de ênfase no grego e num sentido “amargamente depreciativo”<sup>33</sup>. Sendo um político

<sup>29</sup> Carson, p. 420.

<sup>30</sup> Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.2.2 [35].

<sup>31</sup> Andreas J. Köstenberger, *John*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2004, p. 351. Veja Flávio Josefo, *Antiquities* 18.2.2 [34-35]; 18.4.3 [95]; 19.6.4 [313-316]; 19.8.1 [342].

<sup>32</sup> Flávio Josefo, *Guerras* 2.8.14 [166].

<sup>33</sup> Westcott, p. 174.

astuto, Caifás delineou um curso de ação óbvio, ainda que impiedoso. Ele deprecou seus colegas porque, aparentemente, não conseguia entender o que precisava ser feito.

Na ótica de Caifás, a solução do problema de Jesus era simples: **vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação**. Esta ação evitaria a ira romana e, ao mesmo tempo, asseguraria o lugar e a nação daqueles líderes. Caifás avaliou a questão da perspectiva do bom senso e da conveniência política. A expressão “vos convém” revela que, no fundo, o interesse deles não era pela justiça nem pela nação como um todo, e sim por suas posições ou cargos (veja os comentários sobre 11:47, 48). Para resolver o problema, bastaria o sacrifício de uma vida. Essa morte, propôs Caifás, seria pelo “povo” (*λαός, laos*) e pela “nação” (*ἔθνος, ethnos*); ambos os termos foram usados para descrever a comunidade judaica. Ele disse que seria melhor um homem inocente morrer do que toda a nação perecer, e eles perderem a autoridade para governar. Barrett observou: “A ironia joanina dificilmente atingiria um ponto mais alto”<sup>34</sup>. Jesus seria morto; mas ele não salvaria a nação como previu Caifás. Apesar de a morte de Jesus resultar em salvação para muitos, o sistema político e sacerdotal judaico pereceria em questão de décadas nas mãos dos romanos.

**Versículos 51 e 52.** João adicionou um comentário editorial aqui, explicando a proposta de Caifás de que um só homem deveria morrer por todo o povo. Caifás **não disse isto de si mesmo**, mas porque era **sumo sacerdote naquele ano**. Em virtude desse fato, ele falou como um profeta. Na antiguidade, foi dado ao sumo sacerdote certo grau de poder que o capacitava a profetizar (veja Éxodo 28:30). Ao fazer sua declaração, Caifás tinha em mente a morte de Jesus como uma conveniência política que visava evitar uma tragédia à nação judaica. Por inspiração, João mostrou qual era o sentido mais profundo dessas palavras. A declaração de Caifás foi uma profecia de **que Jesus estava para morrer pela nação**. Tanto Caifás quanto João falaram da morte de Jesus como uma morte substitutiva. “Ou a nação morre ou Jesus morre. Mas se ele morrer, a nação viverá; é a vida dele no lugar da vida deles.”<sup>35</sup> Esses dois raciocínios, obviamente, eram divergentes. Caifás pensava de uma pers-

pectiva política, enquanto João pensava em Jesus como o Cordeiro de Deus, morto para tirar os pecados do mundo (veja 1:29).

A morte de Jesus **não foi somente pela nação**, mas também pelos **filhos de Deus, que andam dispersos**. De uma perspectiva judaica, essa frase significava a dispersão dos judeus; mas aqui ela apontava para os gentios. Caifás nunca imaginou que suas palavras fossem tão abrangentes quanto a interpretação de João mostrou. A morte de Jesus teve um alcance mundial; foi pelos judeus e pelos gentios, ou seja, por toda a humanidade (“pela vida do mundo”; 6:51). Não está implícita aqui nenhuma teoria da predestinação, ou seja, a ideia de que alguns são filhos de Deus por eleição divina. Em vez disso, João estava falando dos futuros “filhos de Deus”, adotados mediante uma fé obediente (veja 1:12, 13).

João afirmou ainda que, por causa da morte de Jesus, os judeus e gentios **reuni[dos] em um só corpo** de crentes. Aqui ele usou uma linguagem diferente para o que Jesus disse sobre o “bom pastor”, em 10:11 e 14. Jesus traria “outras ovelhas” que não pertenciam ao aprisco judaico para haver “um rebanho e um pastor” (10:16) A missão aos gentios foi novamente prevista aqui (veja 12:32).

**Versículo 53. Desde aquele dia, resolveram matá-lo.** A sinistra proposta do sumo sacerdote foi oficialmente aderida. Só faltava traçarem os planos para efetuar a decisão de matar Jesus o mais rápido possível. A hostilidade das autoridades religiosas vinha crescendo e agora atingia seu ápice (veja 5:18; 7:1, 19, 25, 32; 8:40, 59; 9:22; 10:31, 39). O desejo de matar Jesus começou com a cura do paralítico no sábado (5:18) e suas várias alegações de possuir autoridade divina; entretanto, após a resurreição de Lázaro e a proposta de Caifás, tomaram uma decisão. *Naquele dia, decidiram matar Jesus.*

**Versículo 54. De sorte que** (*οὖν, oun*) sugere que Jesus tinha pleno conhecimento da oposição e dos planos para matá-lo. Sabendo que, no plano divino, a hora de sua morte ainda não havia chegado, **Jesus já não andava publicamente entre os judeus**. Em vez disso, partiu **para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim**. Josefo mencionou Efraim como uma pequena cidade perto de Betel<sup>36</sup>. Provavelmente esse lugar era a cidade de “Efrom” citada em 2 Crônicas 13:19, considerada a atual Et-Taiyibé, localizada

<sup>34</sup> Barrett, p. 406.

<sup>35</sup> Morris, p. 504.

<sup>36</sup> Flávio Josefo, *Guerras* 4.9.9 [551].

seis quilômetros a nordeste de Betel e a uns dezóis quilômetros de Jerusalém. Nesse lugar isolado, Jesus e seus **discípulos** não seriam incomodados.

**Versículo 55.** João revelou que **estava próxima a Páscoa dos judeus**. Esta é a terceira menção da “Páscoa” no Evangelho de João. A primeira foi no início do ministério de Jesus, enquanto João Batista ainda pregava e Jesus tinha ido a Jerusalém pela primeira vez após o seu batismo. Nessa ocasião, Jesus realizou sinais que levaram alguns a crer (veja 2:23–25) e Nicodemos foi ter com ele (3:1–21). A segunda Páscoa aconteceu durante o ministério de Jesus na Galileia. Foi nessa ocasião que Jesus proferiu seu discurso sobre “o pão da vida” (6:22–59). A terceira e última Páscoa do ministério de Jesus é mencionada neste momento da narrativa de João. Esta terceira Páscoa indica que o ministério de Jesus durou mais de dois anos; se a “festa” não especificada de 5:1 também for uma Páscoa, então seu ministério durou mais de três anos. A reconstrução do templo por Herodes geralmente é datada em aproximadamente 19 a.C., e já durava “quarenta e seis anos” nos dias da primeira Páscoa (2:20), que ocorreu por volta de 27 ou 28 d.C. (veja os comentários sobre 2:13; 5:1). Portanto, contabilizando o ministério de dois ou três anos, a data mais provável da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus é 30 d.D.

João acrescentou que **muitos daquela região subiram para Jerusalém**, a fim de se purificarem ceremonialmente. (Veja o número estimado de pessoas nos comentários sobre 12:12, 13.) Antes de observarem a Páscoa, os que haviam contraído algum tipo de contaminação ceremonial (por exemplo, tocar num cadáver; veja Números 9:6–8) eram obrigados a passar por um ritual de purificação. Os peregrinos viajavam para Jerusalém uma semana antes da Páscoa para realizarem, antes da festa, os ritos de purificação que fossem necessários.

**Versículos 56, 57.** Assim como na Festa dos Tabernáculos (7:11), o povo ansiava por ver e ouvir Jesus. Lotaram os recintos do **templo** porque era esse o local comum das aglomerações e também porque era ali que Jesus transmitiu a maior parte do seu ensino. Estando eles nessa área, **procuravam Jesus**. O imperfeito do verbo ἐζήτουν (*ezētoun*, “estavam procurando”) indica ação contínua. No decorrer da procura por Jesus, **diziam:** **Que vos parece? Não virá ele à festa?** A segunda pergunta subentendia uma resposta negativa. As pessoas julgaram que era improvável Jesus se atre-

ver a marcar presença na festa.

A ideia de que Jesus não iria à festa baseava-se no conhecimento geral de que as autoridades religiosas queriam prendê-lo: **tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem**. No entanto, a intenção adicional de condená-lo à morte provavelmente era desconhecida do público.

João 11:55–57 serve de ponte entre a narrativa de Lázaro e os eventos do próximo capítulo. Estes versículos dizem que a Páscoa estava próxima e preparam o ambiente para os últimos atos e ensinamentos públicos de Jesus, relativos à sua morte iminente.

## APLICAÇÃO

### Derrotando a Morte (Cap. 11)

Da perspectiva humana, a morte é a maior de todas as tragédias. A Bíblia parece concordar, pois chama a morte de “o último inimigo”, em 1 Coríntios 15:26.

A pergunta que os homens têm tentado responder ao longo dos séculos é: “Como podemos vencer a morte?” A melhor resposta pode ser encontrada em João 11, que conta como um homem chamado Lázaro, “que estivera morto”, saiu do túmulo, vencendo a morte (11:44). O Novo Testamento nos diz que, assim como ele venceu a morte, nós também podemos vencê-la.

*Jesus deu a Lázaro vitória sobre a morte.* Lázaro, com suas irmãs Maria e Marta, morava na cidade de Betânia, a cerca de três quilômetros de Jerusalém. Ele adoeceu; então suas irmãs mandaram avisar Jesus, o qual estava do outro lado do rio Jordão (10:40). O recado entregue a Jesus foi: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (11:3). As irmãs queriam que Jesus viesse e curasse Lázaro, mas Jesus demorou mais dois dias para seguir viagem. Então, assim que Jesus informou aos discípulos que deveriam voltar para a Judeia, eles questionaram se era uma decisão sábia, pois os judeus recentemente haviam “procurado apedrejá-lo” (11:8).

Jesus replicou que Lázaro havia “adormecido” e que ele iria “despertá-lo” (11:11). Os apóstolos pensaram que Jesus queria dizer que Lázaro estava literalmente dormindo, então Jesus lhes disse claramente que ele havia morrido. Jesus acrescentou: “por vossa causa me alegro de que lá não estivesses, para que possais crer; mas vamos ter com ele” (11:15). Diante disso, os discípulos de

Jesus decidiram acompanhá-lo, pondo em risco suas vidas (11:16).

Chegaram a Betânia e ficaram sabendo que Lázaro estava morto e sepultado havia quatro dias. Marta foi primeiro ao encontro de Jesus e expressou crer que se Jesus estivesse lá, seu irmão não teria morrido (11:21). Ela disse: "Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá" (11:22). As palavras de Marta parecem sugerir que ela até acreditava que Jesus poderia ressuscitá-lo dos mortos. Jesus disse que Lázaro "ressuscitaria"; e quando ela expressou crer que ele viveria novamente na ressurreição final, Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente" (11:25, 26a).

Então, Marta foi até Maria e disse: "O Mestre chegou e te chama" (11:28). Maria correu até Jesus e repetiu as palavras de Marta: "Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido" (11:32). Quando Jesus a viu chorar, bem como os outros judeus que com ela choravam, "agitou-se no espírito e comoveu-se" (11:33). E daí, lemos: "Jesus chorou" (11:35).

Jesus foi conduzido até o túmulo de Lázaro e mandou que tirassem a pedra da entrada do túmulo. Marta contestou: "Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias" (11:39). Jesus respondeu: "Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?" (11:40).

A pedra foi removida. Jesus falou com Deus, agradecendo-o por ouvi-lo (11:41). E então clamou: "Lázaro, vem para fora!" (11:43). A seguir, lemos: "Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e dei-xai-o ir" (11:44).

Por causa desse milagre, muitos judeus creram em Jesus (11:45). No entanto, quando os principais sacerdotes e os fariseus ouviram falar da ressurreição de Lázaro, "convocaram o Sinédrio" (11:47). Eles não podiam negar o milagre que Jesus havia operado; de fato, no próximo capítulo somos informados de que eles decidiram matar Lázaro juntamente com Jesus, porque muitas pessoas creram em Jesus por causa desse milagre (12:9–11). Na reunião do Sinédrio, os líderes judeus tomaram a decisão de matar Jesus para que a nação não sofresse nas mãos dos romanos. Depois disso, "Jesus já não andava publicamente entre os judeus" (11:54). O

último e mais notável milagre de Jesus tornou-se sua sentença de morte. Depois desse feito, demorou pouco para ele ser crucificado.

*Jesus nos dá vitória sobre a morte.* Assim como Jesus fez com que Lázaro saísse vitorioso do túmulo, ele pode e nos dará vitória sobre a morte. Paulo disse que "Cristo Jesus... destruiu a morte... [e] trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2 Timóteo 1:10). Jesus "destruiu a morte" ao permitir que seus discípulos triunfassem sobre três tipos de mortalidade.

1. Jesus nos livra da morte espiritual. Quando pecamos, nos separamos de Deus, a fonte da vida espiritual. Portanto, morremos espiritualmente. Assim como Adão e Eva ficaram sujeitos à morte uma vez que foram expulsos do jardim e separados de Deus por causa de seu pecado, nós fomos separados de Deus quando pecamos (Isaías 59:1, 2). O resultado é que estamos "mortos em [nossos] delitos e pecados" (Efésios 2:1). Apesar de podemos falar, comer, trabalhar e andar, estamos espiritualmente mortos.

Porque estávamos mortos em nossos pecados, Jesus veio para nos dar vida novamente, assim como ele foi ao túmulo de Lázaro para ressuscitá-lo dos mortos. Jesus disse: "O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (10:10; veja 11:25, 26).

Paulo descreveu a nossa salvação com estas palavras: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos" (Efésios 2:4, 5). Embora estivéssemos espiritualmente mortos, Deus "nos deu vida"! Experimentamos uma ressurreição quando fomos salvos. Saímos para fora do nosso túmulo de morte espiritual e trevas.

Quando e como isso aconteceu? Paulo disse que fomos "vivificados" por causa da graça de Deus. Ele acrescentou: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8, 9). Nossa nova vida espiritual é o resultado da graça, e aconteceu por causa de nossa fé. Romanos 6:3 e 4 explica que foi quando fomos batizados em Cristo que começamos a experimentar uma "novidade de vida". Portanto, quando cremos em Jesus, nos arrependeremos de nossos pecados e fomos batizados em Cristo (Atos 2:38),

recebemos uma nova vida. Fomos levantados das águas do batismo como novas criaturas, libertos do pecado e vivos outra vez! Podemos não parecer diferentes, mas somos diferentes: estávamos espiritualmente mortos, agora estamos espiritualmente vivos!

2. Jesus nos dá vitória sobre a morte física. Pode não parecer que os crentes triunfem sobre a morte física, já que todos morrem. De fato, a Bíblia diz que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9:27). O livro de Eclesiastes diz: “...o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro [em outras palavras, a todos os homens]... depois, rumo aos mortos” (Eclesiastes 9:2, 3).

Dado o fato de que todos morreremos (exceto aqueles que ainda estão vivos quando Cristo voltar), como podemos dizer que venceremos a morte? Triunfamos sobre a morte física de duas maneiras.

A todos os que estão espiritualmente vivos, a morte física não significa o fim da vida. O fato de que vivemos após a morte é firmemente confirmado nas Escrituras. Quando Jesus foi transfigurado, Moisés e Elias apareceram a ele (Mateus 17:2, 3). Eles ainda estavam vivos, embora tivessem morrido centenas de anos atrás. Paulo disse que a morte para ele não significava que sua vida cessaria, mas sim que ele estaria “incomparavelmente melhor” (Filipenses 1:23).

Jesus disse: “todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (João 11:26). Todos morremos fisicamente quando nossas almas se separam de nossos corpos (veja Eclesiastes 12:7; Tiago 2:26), mas não precisamos morrer espiritualmente. Se formos fiéis a Cristo, podemos crer que seremos transportados pelos anjos ao “seio de Abraão”, quando deixarmos este mundo (Lucas 16:22)<sup>37</sup>.

Vista desta forma, a morte para o cristão é uma transição, uma passagem de um modo de existência para outro. McDonald Clarke comparou a morte com a ida de uma sala para outra: “A morte, para um bom homem, é como passar por uma entrada escura, de uma sala pequena e sombria da casa do pai para outra, justa e ampla, iluminada e gloriosa, e divinamente agradável”<sup>38</sup>. Se ao morrer

<sup>37</sup> A história do rico e Lázaro também nos ensina que quem for injusto continuará a viver após a morte, porém estará num lugar de tormento.

<sup>38</sup> Citado em *The Encyclopedia of Religious Quotations*, p. 100.

passamos de um estado de existência para outro, dos dias difíceis desta vida para o mundo mais radiante da vida após a morte, o cristão não precisa temer a morte.

Além disso, aqueles que estiverem espiritualmente vivos experimentarão a ressurreição quando Jesus voltar. O Novo Testamento não enfatiza o fato de que os cristãos não devem temer a morte, porque eles continuam a existir após a morte. Em vez disso, a ênfase está em nos consolarmos com o fato de que seremos ressuscitados dos mortos quando Cristo voltar. Jesus disse:

Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo (5:28, 29).

Os que tiverem vivido fora ou separados da graça salvadora de Deus também possuem almas eternas, mas esse fato não lhes proporcionará consolo algum; quando ressuscitarem, haverá para eles o julgamento e a condenação eterna (Apocalipse 20:14). Os cristãos fiéis evitarão a condenação dos ímpios.

Paulo se concentrou na ressurreição quando escreveu sua primeira carta aos tessalonicenses. Eles esperavam que Cristo voltasse e os levasse para o céu. Como Jesus ainda não havia retornado, os tessalonicenses estavam se perguntando o que aconteceria com seus irmãos e irmãs em Cristo que já haviam morrido. Como eles poderiam viver com Cristo para sempre se morreram antes da volta do Senhor? Paulo respondeu a essas preocupações dizendo:

Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do anjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras (1 Tessalonicenses 4:13-18).

Assim como Jesus ressuscitou dos mortos, os

cristãos que já tiverem morrido se unirão a Ele com corpos novos e incorruptíveis, quando ele se manifestar na segunda vinda. Os mortos em Cristo viverão novamente e os cristãos que ainda estiverem vivos serão arrebatados para se encontrarem com o Senhor nos ares. “E, assim”, disse Paulo, “estaremos para sempre com o Senhor”. E concluiu o parágrafo dizendo: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”. A melhor consolação ao lamentarmos pela morte de um ente querido é nos lembrarmos de que essa ressurreição acontecerá. Nesse momento, ressuscitaremos para encontrar Cristo quando ele vier buscar os salvos para estarem com ele no céu.

Paulo ensinou que o espírito de uma pessoa vive após a morte e que seu corpo será ressuscitado quando Cristo voltar. O corpo será transformado e, de alguma maneira, será ressuscitado. Então, presumivelmente, o espírito e esse novo corpo incorruptível serão unidos. E nessa nova composição, o indivíduo viverá para sempre com o Senhor (1 Coríntios 15:50-57).

Jesus removeu “o aguilhão da morte”! Junto ao lado do túmulo de um cristão, podemos lembrar que sua vida ainda não acabou. Jesus derrotou a morte por amor a nós. Um dia seremos ressuscitados para viver com ele para sempre!

3. Jesus nos dá vitória sobre a morte eterna. João falou da “segunda morte” em Apocalipse 20:15: “E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo”. A “segunda morte” é a condenação eterna em um lugar que chamamos de “inferno”.

A Bíblia ensina que só há duas possibilidades após o julgamento: uma é a salvação e a outra se chama “segunda morte”, ou inferno. O inferno é mais horrível do que podemos imaginar! Ele existe porque não há outro castigo condizente com a rejeição ao Deus infinito, amoroso, totalmente justo e único! O diabo e seus anjos merecem estar lá; mas o mesmo acontece com todos nós, pois todos nós ofendemos a Deus ao pecar contra ele.

Como podemos evitar a segunda morte – o castigo eterno que merecemos por causa dos nossos pecados? Só podemos escapar dessa segunda morte por causa de Jesus Cristo. Ele veio ao mundo para dar a vida e pagar o preço por nossos pecados. Em outras palavras, Jesus sofreu as dores no inferno para que não precisássemos passar por

isso. Por causa de Jesus e de sua morte na cruz e ressurreição, não temos de experimentar “a segunda morte”.

Por causa de Jesus, Lázaro saiu do túmulo como um vitorioso sobre a morte; e por causa de Jesus, podemos triunfar sobre “o último inimigo”, a morte (1 Coríntios 15:26). Podemos, por meio de Cristo, obter a vitória sobre a morte espiritual, sobre a morte física e sobre a morte eterna.

*Conclusão.* A morte é o maior problema que o ser humano enfrenta. No decorrer dos tempos, muitos que se depararam com a realidade da morte tentaram encontrar uma maneira de derrotá-la. Quase todos – independentemente da religião que pratica, ou mesmo se não pratica nenhuma religião nem crê em nenhum deus – anseia por viver após a morte. Os faraós egípcios mandavam sepultar seus corpos em grandes pirâmides, monumentos erguidos para enfatizar o sucesso deles. Eram sepultados com suas riquezas – tudo o que, no pensamento deles, seria necessário no outro mundo. O conceito de vida após a morte entre nativos da América do Norte era descrito como um “Feliz Território de Caça”. Algumas religiões orientais ensinam a reencarnação, a oportunidade de viver novamente em outro corpo. Um fato comum em todas as crenças religiosas é o adorador acreditar que viverá após a morte.

Aquilo que outros anelam e especulam, os cristãos têm a plena esperança de que irão experimentar. A boa notícia do evangelho é resumida em Apocalipse 14:13: “Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”. Podemos dizer com Paulo que estamos “bem certos de que nem a morte... nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:38, 39).

No entanto, como acontece com as outras bênçãos concedidas por Jesus, a vitória sobre a morte só será nossa se estivermos dispostos a cooperar com o Senhor. Ele te chama: “Venha para fora!” Você está disposto a aceitar a vida espiritual que Cristo lhe oferece gratuitamente, agora, para que você desfrute a vida eterna com ele por toda a eternidade?

Coy Roper